

### O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA HUMANA: A MEDIAÇÃO DOS SIGNOS E O USO DE INSTRUMENTOS

**Ms. Solange de Castro**  0000-0002-5142-2217

**Dra. Elisabeth Rossetto**  0000-0002-4581-2446

**Ms. Sonia Ribeiro de Lima**  0000-0003-3239-6428

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**RESUMO:** Este artigo consiste em, a partir da Psicologia Histórico-Cultural, compreender como se dá o desenvolvimento da consciência e do psiquismo humano. A metodologia adotada partiu de um estudo de cunho teórico/bibliográfico pautado em Lev Semionovitch Vigotski (1991, 1995, 2012), e Alexis Leontiev (2004), além de outros pesquisadores vigotskianos. Os resultados deste estudo mostraram que a transformação do homem, em gênero humano, depende da formação da consciência articulada às bases da vida real e das condições materiais do sujeito. O homem inicia seu processo de vida, que o distingue dos animais ao iniciar a produção dos seus meios de existência, transformando a natureza em instrumentos da vida material, ou seja, se objetivando nela.

Desse modo, a consciência é traduzida na linguagem da vida real, pois emerge do mundo que interpreta a realidade. A mediação dos signos e o uso dos instrumentos por intermédio, por exemplo, da fala e do trabalho, são responsáveis pela formação da consciência no desenvolvimento do psiquismo humano, o qual se desenvolve por meio dos processos históricos e culturais. As Funções Psicológicas Elementares/FPE e as Funções Psicológicas Superiores/FPS se articulam e se complementam, na busca do desenvolvimento da consciência, sendo que, as funções elementares se originam nos processos biológicos, enquanto que as superiores recorrem à internalização dos signos (palavras) produzidos pela cultura e pela mediação do outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia Histórico-Cultural; Desenvolvimento da Consciência; Psiquismo Humano.

### THE DEVELOPMENT OF HUMAN CONSCIOUSNESS: MEDIATION OF SIGNS AND THE USE OF INSTRUMENTS

**ABSTRACT:** : This article consists of, from the Historical-Cultural Psychology, to understand how the development of human consciousness and psyche occurs. The adopted methodology started from a theoretical/bibliographic study based on Lev Semionovitch Vigotski (1991, 1995, 2012) and Alexis Leontiev (2004), in addition to other vigotskian researchers. The results of this study showed that the transformation of man, in mankind, depends on the formation of consciousness articulated to the bases of real life and the material conditions of the subject. Man begins his life process, which distinguishes him from animals, when he begins to produce his means of existence, transforming nature into instruments of material life, that is, aiming at it. In this way, consciousness is translated into

the language of real life, as it emerges from the world that interprets reality. The mediation of signs and the use of instruments through, for example, speech and work, are responsible for the formation of consciousness in the development of the human psyche, which is developed through historical and cultural processes. The Elementary Psychological Functions/EPF and the Higher Psychological Functions/HPF are articulated and complement each other, in the search for the development of consciousness, where the elementary functions originate in the biological, natural processes of development, while the higher ones resort to the internalization of signs (words) produced by culture and mediated by the other.

**KEYWORDS:** Historical-Cultural Psychology; Consciousness Development; Human Psyche.



## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo trata de um estudo de cunho teórico/bibliográfico, que busca discutir o desenvolvimento da consciência e o desenvolvimento do psiquismo humano mediados pela construção dos signos e pelo uso dos instrumentos.

Lev Semiovich Semionovitch Vigotski (1896-1934), precursor da Psicologia Histórico-Cultural, referencial este o qual se ampara esse estudo, não nega os aspectos biológicos na formação da consciência, no entanto, faz a defesa de que a consciência desenvolve-se culturalmente.

A teoria vigotskiana influenciada pelo momento histórico e o contexto dos anos 1920 e 1930, surgiu e desenvolveu-se na União Soviética, sendo interrompida precocemente em função do estado de saúde agravado do autor e consequentemente sua morte em 1934.

Segundo Vigotski (1995, 2012), o ser humano ao nascer é constituído pelos processos psíquicos naturais, compreendidos como Funções Psicológicas Elementares/FPE, que são instintivas, espontâneas, desenvolvidas no âmbito dos processos orgânicos, biológicos, garantidas pela natureza. Esses processos são válidos tanto para os animais quanto para os homens.

Com o decorrer do seu desenvolvimento, inserido num mundo de relações, surgem as Funções Psicológicas Superiores/FPS, consideradas especificamente humanas, tais como: sensação, percepção, atenção, memória, fala, pensamento e imaginação, são ações intencionais e conscientemente controladas que se desenvolvem amparadas nos processos biológicos, quer dizer, as FPS fundamentam-se nas FPE, e se desenvolvem pela cultura e mediada pelo outro. As FPS é o controle consciente da ação do homem, que através do trabalho o caracteriza como um ser qualitativamente diferente dos animais.

Leontiev (2004, p. 174), diz que o ser humano considera-se livre a partir do momento em que “[...] manifesta-se no fato de o desenvolvimento sócio-histórico do homem estar doravante totalmente liberto da sua antiga



dependência em relação ao seu desenvolvimento morfológico”. Isto é, desprende-se de suas condições naturais, hereditárias por apropriação das leis históricas e culturais, que de agora em diante registram a evolução do homem. Assim, o desenvolvimento do psiquismo humano, diferente do psiquismo animal submete-se às leis do desenvolvimento histórico e cultural transformando a natureza em benefício próprio, já o animal desenvolve-se por meio da evolução biológica.

De acordo com a Psicologia Histórico-Cultural, o homem não se objetiva como ser humano simplesmente, o que o torna representante do gênero humano, é o trabalho. Marx (1998), destaca que o trabalho é a atividade que garante a vida de uma espécie. No caso dos seres humanos, o trabalho distingue o homem dos animais, por ser caracterizado como uma atividade consciente. E, nesse sentido, ocorre a humanização do sujeito, que se dá por meio do nível do desenvolvimento das suas ações conscientes, ou seja, a transformação do homem, em gênero humano, depende da formação da consciência articulada às bases da vida real e das condições materiais do sujeito.

A humanização implica nas relações entre os homens, por meio da internalização dos signos e pelo uso dos instrumentos. A internalização dos signos é considerada o principal regulador do comportamento cultural, apresenta mudanças significativas na estrutura do psiquismo humano. O emprego dos signos e o uso dos instrumentos mediadores entre o homem e o mundo, como a fala e o trabalho marcam definitivamente a transição dos processos naturais aos processos sociais, e nesta esteira se dá o desenvolvimento do psiquismo humano e a formação da consciência.

## 2 DESENVOLVIMENTO DO PSIQUISMO HUMANO

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, o desenvolvimento do psiquismo humano está relacionado a articulação do aspecto biológico com o



cultural, considerando-se, para isso, que a criança nasce com suas características estritamente biológicas e, a partir da convivência com a sociedade por meio da internalização dos signos, constrói-se culturalmente. Ou seja, se dá a partir da evolução da função biológica em razão da influência do meio onde encontra-se inserida. Podemos utilizar como exemplo o choro que perde seus indícios biológicos, deixando impressas as marcas da cultura, pois o bebê não chora mais por conta dos elementos biológicos, isto é: fome, dor, desconforto fisiológico, mas chora em função de objetivos que são determinados pelas condições históricas e culturais.

Portanto, tem-se que:

[...] sem reduzir o ser humano as determinações sociais, mas considerando também as características orgânicas, Vigotski enfatizava que a gênese de sua constituição é histórico-cultural, relacionando a cultura como parte integrante da natureza do ser humano e como categoria central de uma nova concepção de homem. Acreditava em uma teoria do desenvolvimento psicológico humano baseada na noção de que a essência da vida humana é cultural (ROSSETTO, 2009, p. 30).

Segundo a autora a psique humana é constituída no coletivo, com a convivência de outras pessoas. Vigotski (1995), como precursor dessa ideia, nas décadas de 20 e 30, aspirava a construção de uma ciência psicológica que fosse ao encontro da construção de um novo homem, vindo desse modo contrapor a psicologia em vigência. Imbuído de um forte movimento intelectual revolucionário em que o governo passou a valorizar a ciência, pois almejava soluções para os problemas sociais e econômicos vividos pela revolução russa de 1917, passou-se a considerar a influência dos aspectos culturais no desenvolvimento do psiquismo humano, numa dinâmica que resulta da ação da sociedade, do meio externo sobre o sujeito.

A psicologia tradicional não tinha o olhar voltado para o estudo complexo e da totalidade do ser humano, quer dizer, não considerava a realidade específica no desenvolvimento do psiquismo humano. Apresentava uma visão equivocada do desenvolvimento como processo linear, pois de acordo com Vigotski (1996) o



curso do desenvolvimento psíquico é permeado por momentos de rupturas e alterações, cada qual com sua significação perante o desenvolvimento da psique, numa dinâmica na qual tais processos combinam movimentos evolutivos e progressivos.

Para Vigotski (1995), o processo do desenvolvimento complexo e superior de comportamentos continuava sem explicação, pois a psicologia não avaliava o desenvolvimento histórico das funções mentais. Ocorria que, na concepção de certas correntes psicológicas – por se conhecer as leis do desenvolvimento numa visão reducionista –, acabava-se por analisar o processo em conformidade com o desenvolvimento do corpo, ou melhor dizendo, considerava-se, somente o biológico e o natural. Dessa maneira, mantinha-se o desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores/FPS vinculadas às Funções Psicológicas Elementares/FPE, preservando-se a ideia de que elas decorriam apenas da maturação cerebral. Na construção dessa nova psicologia, proposta por Vigotski, que vinha atender aos anseios e as necessidades da época, o desenvolvimento do psiquismo humano e das Funções Psicológicas Superiores/FPS articulam-se na busca da compreensão da formação da conduta humana. Nesse sentido, o desenvolvimento da consciência e do comportamento, não se dá a partir de processos construídos aleatoriamente, mas, sim, por meio das condições históricas e culturais.

Entendemos que o desenvolvimento das FPE e o desenvolvimento das FPS apresentam características distintas, bem como é diferenciada a natureza das relações que se instituem entre elas. No entanto, não existem dois grupos diferentes de funções, um elementar e outro superior, mas a distinção está veiculada à conquista de qualidades especiais no curso do desenvolvimento das funções.

As FPE caracterizam-se como os processos psíquicos naturais, biológicos, ou seja: atenção involuntária, memória imediata ou primitiva. São instintivas, desenvolvidas no âmbito de processos orgânicos, garantidas pela natureza. Isso vale tanto para os animais quanto para os homens. O biológico, assim, já vem



“provido” com uma série de capacidades naturais necessárias, inclusive, à sobrevivência e à perpetuação da espécie.

As FPS, consideradas especificamente humanas, são intencionais, voluntárias e são conscientemente controladas, enquanto que as FPE são reações automáticas, ações reflexas e associações simples de ordem biológica. As funções biológicas vão se desenvolvendo por meio de indícios de transformações de vida frente à ação da cultura, por intermédio da mediação. Isto é, percebemos que o choro, o movimento, o olhar, o sorriso são indicadores das mudanças culturais, agindo nas funções biológicas. Quer dizer, as FPS vão se construindo nas bases que fundamentam as FPE.

Leontiev (2004), coloca que as FPS se formam no homem no decorrer da vida, ou melhor, do seu desenvolvimento histórico e social, num processo no qual o cérebro não sofre modificações morfológicas essenciais.

[...] as aquisições do desenvolvimento histórico fixam-se nos produtos objetivos – materiais e ideais – da atividade humana, e transmitem-se de uma geração a outra sob esta forma; por consequência, as neoformações psicológicas aparecidas no decurso do processo histórico são reproduzidas pelos indivíduos não em virtude da ação da hereditariedade biológica, mas em virtude das aquisições feitas no decurso da vida (LEONTIEV, 2004, p. 202).

Entendemos que a criança necessita interagir com o mundo, com os outros seres humanos, pois “[...] a criança, não é pura e simplesmente lançada no mundo dos homens, é aí introduzida pelos homens que a rodeiam e guiam este mundo.” (LEONTIEV, 2004, p. 254). Assim, o homem não se objetiva como ser humano simplesmente, mas que o processo de humanização é mediado culturalmente nas relações entre os homens, por meio da internalização dos signos e pelo uso dos instrumentos. O homem não nega os processos naturais do seu desenvolvimento, entretanto, o nascimento biológico, por si só, não é suficiente para o torná-lo do gênero humano.

Por isso, o estudo das FPS, realizado por Vigotski (1995), permitiu a investigação das propriedades que compõem tais funções, bem como a



compreensão do desenvolvimento psíquico do homem, uma vez que se observa “as FPS como categoria que passa a expressar características distintivas do homem como ser pertencente ao gênero humano.” (MARTINS, 2013, p. 104).

Nesse contexto, a Psicologia Histórico-Cultural desenvolvida por Lev S. Vigotski, na busca da superação da velha psicologia, introduz no processo de desenvolvimento humano o social e o cultural. O biológico e o cultural são processos que se fundem entre si sem perderem suas características próprias. Por meio da apropriação da cultura o homem deixa de existir como espécie humana e se objetiva gênero humano, ou seja, esse processo de humanização só é concebido por processos desenvolvidos no âmbito da cultura, a qual permite as mudanças estruturais das funções.

Em referência à estrutura das funções, podemos dizer que uma constitui a outra, no sentido de que

[...] la diferenciación de la integridad primitiva y la clara formación de los polos (el estímulo-signo y el estímulo-objeto) son el rasgo característico de la estructura superior. Pero esta diferenciación tiene también la propiedad de que toda operación, en su conjunto, adquiere un carácter y una significación nuevos. La mejor definición que podemos hacer de este nuevo significado de toda la operación sería decir que representa la dominación del propio proceso del comportamiento (VYGOTSKI, 2012, p. 124).

Nessa direção, Vigotski adotou como objeto de estudo, o desenvolvimento cultural da criança que, segundo Martins (2013), ressaltou a necessidade do reconhecimento das profundas mudanças estruturais que compõem o desenvolvimento cultural, o qual deve ser abarcado como processo de modificação da estrutura original, em um processo no qual novas estruturas complexas se constituem no decorrer de tal desenvolvimento.

Contudo, podemos dizer que as FPS “se alteram e crescem não apenas certas funções psicológicas, mas principalmente mudam as correlações entre elas.” (PRESTES; TUNES, 2018, p. 95). Quando a criança muda de uma idade para outra, muda, primeiramente, o sistema de relação entre as funções, quer



dizer, o psiquismo da criança desenvolve-se juntamente com a memória, a atenção, o pensamento. Esses constituintes não apresentam um desenvolvimento isolado um do outro, mas é do conjunto de alterações que aparece a consciência.

Dessa maneira,

[...] podríamos indicar en qué dirección se modifica la estructura: se modifica en el sentido de una mayor diferenciación de las partes. La estructura superior se distingue de la inferior por el hecho, sobre todo, de ser un todo diferenciada, en la que cada una de las partes aisladas cumplen diversas funciones y en el que la unificación de estas partes en un proceso global se produce a base de conexiones funcionales dobles y relaciones recíprocas de las funciones (VYGOTSKI, 2012, p. 124).

O autor esclarece que a estrutura e a função se constituem na dependência que há entre elas, já que ambas se formam como totalidade e não como elementos isolados. Isso quer dizer que aquilo que constitui a diferença entre a estrutura e a função é a unidade, os vínculos estabelecidos entre elas.

[...] quien dijo que la diferencia entre organismos superiores e inferiores radica en la mayor diferenciación del superior. Cuanto más perfecto es un organismo, más diferentes son entre sí sus partes integrantes. En un caso el todo y las partes mantienen cierta semejanza, en otro el todo se diferencia esencialmente de las partes (VYGOTSKI, 2012, p. 124).

Quer dizer que quanto mais complexidade compõe o organismo, mais diferença existe entre as partes que constituem o todo, enquanto que, em relação às FPE, o todo se constitui por elementos semelhantes; ao mesmo tempo, os elementos que formam as FPS se diferenciam em suas partes, as quais estabelecem novas formas de conexões entre si. Com isso, “Vigotski asseverou que a totalidade dinâmica é sempre o ponto de partida do desenvolvimento, que não se direciona das partes para o todo, mas do todo para a complexificação de suas partes.” (MARTINS, 2013, p. 91).



O desenvolvimento do psiquismo humano não corresponde à soma de elementos novos à estrutura original, mas a diferenciação e a especialização proporciona o aperfeiçoamento das funções internas. O processo pelo qual as estruturas elementares são complexificadas apresenta os signos como elemento principal nessa requalificação, sendo que as estruturas superiores se constituem nesse espaço determinado de salto qualitativo.

Para exemplificar o salto qualitativo, usamos o desenvolvimento da fala. Ao ser ela uma estrutura já desenvolvida, a palavra não se institui nas relações imediatas, todavia, passa a se organizar em novas estruturas por intermédio da interiorização dos signos. Assim, o salto qualitativo se dá nesse espaço de tempo em que a estrutura das funções se modifica de maneira complexa.

Segundo Prestes e Tunes (2018), na passagem de uma idade para a outra, se altera o sistema de relações entre as funções, pois

[...] o desenvolvimento da consciência da criança como um todo determina o desenvolvimento de cada função isoladamente [...]. Assim, não ocorre simplesmente o desenvolvimento da memória, da atenção, do pensamento isoladamente, mas do conjunto das mudanças surge um desenvolvimento comum da consciência, uma mudança da consciência como resultado do desenvolvimento de certas funções (PRESTES; TUNES, 2018, p. 95).

Assim, podemos dizer que, no recém-nascido e no bebê, a consciência se demonstra indiferenciada no seu aspecto funcional. Entretanto, já existe a gênese de todas as futuras funções. Existe memória no bebê, uma vez que ele consegue diferenciar os objetos que são do seu convívio em relação a outros que não são. Por exemplo, se alimentarmos o bebê sempre com uma mesma mamadeira, mantendo a cor e a forma e, depois, se levamos até ele a mamadeira que o alimentamos diariamente e outra mamadeira, de outra cor e outra forma, o bebê estenderá a mão para pegar a mamadeira a qual ele reconhece, mesmo que ela esteja mais longe. Os bebês apresentam capacidade de internalizar e recordar, tanto que, Prestes e Tunes (2018) enfatizam que desde o nascimento até o primeiro ano de vida, o acúmulo na memória



ultrapassa em quantidade a tudo o que conseguimos memorizar no decorrer da vida. Tal memorização encontra-se no âmbito do imediato.

Do mesmo modo,

[...] que no embrião, na célula, temos indistintamente, os futuros órgãos e tecido da criança, também aqui, na consciência, temos, indiferenciadamente, as futuras funções que devem se desenvolver, que ainda não se diferenciaram, não se desenvolveram (PRESTES; TUNES, 2018, p. 97).

No início do desenvolvimento da consciência do bebê não há o desenvolvimento de certas funções como a memória, a percepção, mas a consciência como um todo indiferenciado e, de acordo com a idade, certas funções vão se diferenciando. O segundo ano de vida do bebê é marcado pelo início da primeira infância, em que existem

[...] emoções e percepções ainda indiferenciadas entre si. Contudo, essas funções se isolam do resto da consciência como um todo no limiar entre o bebê e a primeira infância. Se antes devíamos desenhar a consciência como um círculo indiferenciado, agora ele vai se dividir em centro e periferia. No centro estará a percepção diretamente ligada às emoções, **e todas as outras atividades já começaram a agir por meio da percepção** (PRESTES; TUNES, 2018, p. 99). Grifos das autoras.

Assim, entendemos que, na primeira infância, a função da memória é submissa às atividades da percepção, uma vez que a criança não se recorda dos fatos acontecidos, a não ser quando visualiza algum objeto que a auxilie a associá-lo ao acontecimento. A memória, nesta etapa de vida da criança, encontra-se ainda no campo das atividades indiferenciadas.

Nesse contexto, deparamo-nos com três linhas do desenvolvimento psicológico da criança: a primeira diz respeito à consciência indiferenciada que não se transforma imediatamente em consciência diferenciada. A diferenciação das funções se dá em partes. De acordo com cada etapa, diferentes funções, em graus distintos, separam-se da consciência. Assim, elas são diferenciadas



internamente. Fato esse que indica que não há desenvolvimento regular das funções, as quais desenvolvem-se articuladamente.

A segunda, as funções que se diferenciam nessa idade, além de sua independência, ocupam lugar central em todo o sistema da consciência. “Para uma função se isolar significa predominar. Ela se separou para poder ocupar uma posição dominante.” (PRESTES; TUNES, 2018, p. 102). Quando as funções se separam, isso significa que se instala uma modificação da atividade da consciência como um todo. Entendemos, desse modo, que “graças a uma função que se destacou, a consciência em sua totalidade adquire uma nova estrutura, um novo tipo de atividade, uma vez que aquela função começa a predominar.” (PRESTES; TUNES, 2018, p. 102).

A terceira lei consiste

[...] em que a função que, pela primeira vez, se destacou e predomina na consciência uma determinada idade encontra como que numa situação privilegiada em relação ao seu desenvolvimento. Diz-se a respeito dessas funções dominantes e destacadas numa determinada idade que se encontram em condições mais benéficas de desenvolvimento, pois todo o restante da consciência serve a elas. Na primeira infância, a percepção se destacou, foi para o centro e ocupou uma posição dominante. Isso é ou não benéfico para o seu desenvolvimento? Será que, graças a isso, nessa idade, a percepção se desenvolverá no ritmo máximo? Sim, porque a memória não age de forma diferente, mas articulada à percepção; o pensamento também não age diferentemente como no processo da percepção. Então, todas as funções, toda a consciência parecem servir à atividade daquela função. Isso possibilita a ela o máximo crescimento e desenvolvimento e máxima diferenciação interna (PRESTES; TUNES, 2018, p. 103).

Diante disso, as funções desenvolvem-se fora do seu período de diferenciação, todavia o centro da função é a época principal para tal desenvolvimento. Por exemplo, a fala da criança se desenvolve entre um ano e meio e cinco anos. Nesse período ela domina o mais importante da língua, cada função apresenta seu período para ir ao centro do desenvolvimento, mas isso não impede que a função dê continuidade em seu processo de evolução.



Durante muito tempo considerou-se que o desenvolvimento psíquico da criança acontecia de maneira estritamente natural, não era observado que o desenvolvimento era desmembrado em determinadas funções psíquicas, sendo elas: a sensação, a percepção, a atenção, a memória, a linguagem, o pensamento, a imaginação, a emoção e o sentimento. Na velha psicologia, não se considerava que tais funções se desenvolviam articuladamente, mas sim isoladamente.

Assim como, o desenvolvimento da consciência não deve ser tomado de forma gradual e ordenado. Se assim o considerarmos, chegaremos a uma ideia errônea sobre o seu curso, que deve ser considerado como um processo que articula-se com o desenvolvimento das funções psíquicas e o histórico de vida do sujeito.

[...] O desenvolvimento da consciência até o início da idade pré-escolar, quando se apresenta uma nova regularidade [...] o novo aqui consiste no fato de que, na passagem do bebê para a primeira infância, surgiu, pela primeira vez, um sistema; pela primeira vez as funções começaram a se destacar; pela primeira vez algo começou a dominar no sistema da consciência; já na passagem para idade pré-escolar é preciso passar de um sistema para outro. A passagem de um sistema para outro transcorre de forma diferente e mais complexa do que a passagem da indiferenciação da vida da consciência, isenta de qualquer sistema, para um sistema primário definido (PRESTES; TUNES, 2018, p. 106).

Nesse contexto, a função da memória que irá ao centro nesse período pré-escolar terá dupla função, pois, além de ter como concorrente a função da percepção, terá, ainda, que modificar a estrutura de um sistema que já fora ocupado por outra função, no caso, a percepção. A percepção ocupará um lugar na periferia da consciência, para que a memória assuma o centro do desenvolvimento. Mas, para isso, ela terá que ressubordinar a si as outras funções, transferir para sua própria dependência funções subordinadas à percepção. “O estudo do desenvolvimento mostra que, na medida em que há a passagem de uma idade para outra, a complexidade das ligações interfuncionais aumenta extremamente.” (PRESTES; TUNES, 2018, p. 108). Nem todas as funções precisam passar pelo processo de função dominante para se



diferenciarem, mas surge um caminho novo por meio da ressubordinação. O processo de ressubordinação das funções, possibilita a reestruturação das relações interfuncionais que tornaram possível “a diferenciação das funções sem que elas percorram o caminho da própria função dominante.” (PRESTES; TUNES, 2018, p. 109).

Nesse contexto, “[...] a consciência do homem é a forma histórica concreta do seu psiquismo. Ela adquire particularidades diversas segundo as condições sociais da vida dos homens [...]” (LEONTIEV, 2004, p. 94). Logo, as condições sociais permitem, a ascensão do psiquismo do homem a um grau superior de psiquismo denominado consciência, a qual não desconsidera o desenvolvimento biológico.

Como também não poderíamos deixar de enfatizar que o psiquismo não se desenvolve por meio de atividades que resultam na interioridade abstrata. De acordo com Martins (2013), o psiquismo se institui como fato social e prático, num processo no qual a adoção da dialética considera-o como “fato” e, como tal, situado histórica e socialmente, sendo inteiramente atrelado pela relação do homem com a natureza por meio do uso de instrumentos. Essa relação (homem/natureza), na forma de “consciência”, não se dá por meio de processos sensoriais, empíricos e imediatos, os quais representam abstratamente a imagem no psiquismo, mas sim, por meio do processo de contradição existente entre as condições de aparência e essência do objeto. Essa contradição é que irá caracterizá-lo como elemento de formação de consciência ou não, sendo que esse movimento contraditório que se espera entre as condições de aparência e essência do objeto, deve partir do âmbito qualitativo para possibilitar o “salto” do desenvolvimento da consciência.

O uso dos signos e o desenvolvimento da fala também são elementos primordiais na construção da consciência. Temos que as condições de existência humana são construídas por meio dos signos e da consciência, já que “a consciência é a expressão ideal do psiquismo, desenvolvendo-se graças à complexificação evolutiva do sistema nervoso central pela decisiva influência do



trabalho e da linguagem.” (MARTINS, 2013, p. 28). O significado da palavra signo (do latim *signum*) é o objeto que representa outro elemento sensível de expressão cultural organizativo do comportamento humano que encerra uma materialidade (sinal), e ocupa o lugar de outra coisa. Isso é, daquilo que representa. E ao operar na consciência todo signo demanda decodificação.

Ao introduzir o conceito de signo, Vigotski (1995) diz que o desenvolvimento do psiquismo se dá por meio da internalização dos signos construídos historicamente e, que, mediado pelo outro o homem se institui como humano. Desse modo, as ações são mediadas pelos signos que são internalizados, uma vez que a natureza do processo externo dos signos necessita de elementos internos para que eles possam se estabelecer como fenômeno da subjetividade.

O processo de mediação, segundo Vigotski, não incide simplesmente sobre as funções como ponte, como meio de ligação, mas sim, a “[...] mediação é a interposição que provoca transformações, encerra intencionalidade socialmente construída e promove desenvolvimento.” (MARTINS, 2013, p. 46). Para tanto, se dá das relações denominadas intersubjetivas para as intrasubjetivas.

Assim, a internalização dos signos traz em seu bojo o princípio regulador do comportamento cultural, numa dinâmica na qual o desenvolvimento requer mudanças significativas na estrutura psíquica interna, ou seja, os signos são internalizados culturalmente, o que permite afirmar que as FPS são mediadas pelas formas culturais de comportamento e, dessa maneira, “o desenvolvimento cultural pressupõe unidade entre a formação das funções e domínio sobre elas, ou seja, pressupõe o controle interno da conduta com vista à consecução de seu objeto.” (MARTINS, 2013, p. 109).

Vigotski (1995) ao desenvolver seus estudos sobre o desenvolvimento da consciência, apresenta a distinção entre instrumento técnico e signo. O técnico insere-se entre a atividade do homem e o objeto externo, o signo interpela entre o psiquismo e o comportamento, visto que o primeiro vem ao encontro da transformação do objeto externo e o segundo atua sobre o próprio sujeito.



Quanto aos instrumentos,

[...] podem ser considerados técnicos e psicológicos. Ambos são produtos historicamente elaborados pela humanidade e orientam as realizações próprias do ser humano, posto que possibilitam a transformação do meio natural e a própria conduta humana. Os instrumentos técnicos são o produto material visível e fisicamente construído pelos homens, tais como ferramentas e aparatos tecnológicos dos quais dispomos para relacionarmos-nos com o meio. Já os instrumentos psicológicos são as chamadas funções psicológicas, que podem ser divididas entre elementares e superiores, pois são distintas pela natureza das relações que se firmam entre ambas. Entre elas, o destaque é para a linguagem. No entanto, cabe destacar que a formação das referidas funções psicológicas é única. O que diferencia a formação de uma ou outra é a qualidade das relações mediadas pelos instrumentos simbólicos para alcançar patamares de desenvolvimento funcional mais amplos, os quais conferem a formação das funções psicológicas superiores (POLON; PADILHA, 2017, p. 84).

Os instrumentos técnicos são objetos construídos na materialidade, produzidos pelos homens e os instrumentos psicológicos servem para designar os signos.

Leontiev (2004) reitera que

[...] a utilização de um instrumento acarreta que se tenha consciência do objeto da ação nas suas propriedades objetivas. O uso do machado, não responde ao único fim de uma ação concreta; ele reflete objetivamente as propriedades do objeto de trabalho para qual se orienta a ação (LEONTIEV, 2004, p. 88).

Desse modo, significa que o instrumento mediador não é composto apenas da parte física, material, mas é também um objeto social. No exemplo do machado, existe o emprego de ações elaboradas socialmente designadas ao objeto, e para atingir um objetivo. O conhecimento humano, diluído na atividade instrumental do trabalho, supera significativamente a atividade intelectual dos animais.

De acordo com os estudos de Vigotski (1995), que apropriando-se do pensamento de Marx (1998), passou a defender o trabalho como um instrumento mediador no desenvolvimento da consciência humana e, como



atividade vital no processo de humanização do sujeito. O homem se utiliza do trabalho enquanto categoria social, não somente para suprir suas necessidades biológicas, como no caso dos animais, mas para atender outros interesses regidos pela sociedade. Por meio do trabalho apropria de maneira histórica a natureza à esfera dos fenômenos sociais. Nesse processo, ampliam-se as necessidades humanas, as quais ultrapassam as de sobrevivência e geram as necessidades sociais. E, através do trabalho, por meio da ação do uso dos instrumentos, passa a transformar a natureza e a si próprio, ou seja, modifica a natureza em benefício de sua própria existência, visto que, as formas de existência humana são produzidas pelas reais condições de trabalho, as quais são imagens da realidade, vivida e experienciada pelo homem, que constitui a imagem subjetiva no pensamento e se articula com a formação da consciência.

Assim como para Marx (1998), a matéria determina a consciência e não ao contrário. A consciência surge no caráter do que é real, é constituída pelo formato daquilo que expressa a realidade, se origina nas relações concretas. Isso quer dizer que a formação da consciência depende da vida concreta do sujeito. Ela se desenvolve de acordo com as condições materiais estabelecidas no cerne da sociedade. A origem da consciência tem suas raízes na esfera do trabalho, pois é nesse âmbito que o sujeito deixa de ser considerado espécie para se tornar gênero humano. A consciência de nossas ações nos tornam capazes de dominá-las, intervindo e transformando-as e assim podendo agir e recriar a realidade.

A fala, por sua vez, também é tida por Vigotski como um instrumento mediador entre os sujeitos, contribuindo ao longo dos anos, para que os seres humanos superassem a forma de representação material do objeto e possibilitando que a palavra reproduzisse, no nível mental, o objeto. O processo histórico do desenvolvimento humano, articulado ao desenvolvimento da fala e do trabalho, exigiu do homem uma organização de suas ações. Logo, esse processo não deriva das vias naturais do desenvolvimento. Essa organização está representada pela consciência que se forma por meio do movimento dialético das relações entre os homens. Para Vigotski (1991), a utilização da



palavra é a porta para o desenvolvimento da consciência, a qual não deve ser considerada cópia autenticada do real imediato, mas sim, de um processo entre o homem e o mundo.

A consciência é assim compreendida como

[...] um sistema de conhecimentos que vai formando-se no homem à medida que ele vai apreendendo a realidade, pondo em relação as suas impressões diretas com os significados socialmente elaborados e vinculados pela linguagem, expressando as primeiras através das segundas. Por tais razões é que podemos afirmar que a consciência é social por natureza, isto é, socialmente condicionada em seus determinantes e conteúdos (MARTINS, 2007, p. 67).

Portanto, na perspectiva de Vigotski, as relações sociais instituem a consciência e o seu processo de desenvolvimento está articulado com o modo de produção da vida material dos homens. A consciência tem suas estruturas consolidadas por meio da relação do homem com o trabalho e se concretiza pela fala, levando o ser humano compreender os significados sociais e, assim, atribui-los à sua própria vida particular de acordo com suas necessidades, seus sentimentos e seus interesses.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado não apresenta uma leitura concluída a respeito do desenvolvimento do psiquismo humano. Porém, teve como objetivo buscar um maior aprofundamento de como se dá o desenvolvimento da consciência e provocar uma reflexão sobre a importância do pensamento de alguns autores, tais como Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934) e o trabalho no campo da educação, especificamente como ocorre o desenvolvimento das FPE e das FPS, da mediação dos signos e do uso dos instrumentos.

Dessa maneira, podemos afirmar que as contribuições de Vigotski, fornecem uma base teórica/epistemológica para a compreensão do desenvolvimento da consciência, considerando-se os aspectos biológicos e



sociais, resultado de uma construção dialética entre o sujeito e o meio. Nesse contexto, o sujeito, através do desenvolvimento das FPS, aprende a controlar conscientemente o seu comportamento, desenvolve a personalidade e a conduta.

Vigotski destaca-se como um importante precursor ao propor uma nova psicologia com mudanças na concepção de sujeito, de mundo, ultrapassando assim o caráter tradicional ao navegar por estudos pautados em uma abordagem histórico-cultural e trabalhar com a questão da consciência como uma construção cultural. Logo, possibilita uma nova interpretação da prática pedagógica e uma metodologia que não esteja ancorada em modelos das ciências naturais.

Assim de acordo com os estudos firmados em Vigotski (1991, 1995, 2012)) foi possível compreender que as FPE são desenvolvidas por meio dos aspectos biológicos, enquanto que as FPS decorrem da internalização dos signos produzidos pela cultura e mediados coletivamente. As FPS caracterizam o comportamento consciente do homem. A mediação dos signos e dos instrumentos são elementos fundamentais no desenvolvimento da psique humana em relação ao desenvolvimento da consciência.

A título de conclusão desse estudo, cabe mencionar que Vigotski buscou o alicerce da sua teoria no Materialismo Histórico-Dialético, no qual Marx (1998) enfatiza que o desenvolvimento da consciência é mediado pelas condições de vida concreta do sujeito. Por isso, o desenvolvimento da consciência, bem como das funções psíquicas eminentemente humanas dependem das condições de vida real do sujeito.

Ainda segundo Leontiev (2004), Vigotski (1995) e Marx (1998), o trabalho é um instrumento na mediação do desenvolvimento da consciência, e por meio da ação do uso desse instrumento, o homem age na natureza e a transforma. Diante disso, compreendemos que o trabalho humaniza, o homem deixa de fazer parte da espécie humana para se tornar gênero humano, mas para isso, as relações de trabalho devem superar os limites da sobrevivência. Se o trabalho limitar-se a essa função, sua atividade essencial passa a não interagir com o



processo de humanização, a categoria trabalho perde sua cátedra primordial na mediação do desenvolvimento da consciência.

Portanto, este estudo nos levou a compreender que as relações sociais instituem a consciência, e o seu processo de desenvolvimento está articulado com o modo de produção da vida material dos homens. Ela tem suas estruturas materializadas por meio da relação do homem com o trabalho e se concretiza pela fala, levando o ser humano internalizar os significados sociais e, assim, atribui-os à sua própria vida particular de acordo com suas necessidades. Dessa maneira, o desenvolvimento da consciência está atrelado ao desenvolvimento das FPS, à categoria trabalho e a mediação dos instrumentos e dos signos construídos historicamente pela humanidade.

## REFERÊNCIAS

LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. [Tradutor Rubens Eduardo Frias]. 2 ed. São Paulo: centauro, 2004.

MARTINS, L. M. **O Desenvolvimento do Psiquismo e a Educação Escolar: contribuições à luz da Psicologia Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

MARX, K; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. [Introdução de Jacob Gorender]. Tradução: Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

POLON, G. X. P; PADILHA, A. M. L. **Apontamentos Sobre o Desenvolvimento do Psiquismo Humano: desafios e possibilidades para a educação escolar**. Educação em Foco, Piracicaba, v. 20, n.32, p.79-99, set/dez. 2017.

PRESTES, Z. R; TUNES, E. **7 Aulas de L. S. Vigotski Sobre os Fundamentos da Pedologia**. Rio de Janeiro: e-papers, 2018.

ROSSETTO, Elisabeth. **Sujeitos com Deficiência no Ensino Superior: vozes e significados**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 238 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

VIGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas**. Tomo I. Madrid, Visor. 1991.



VIGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas**. Tomo III. Madrid, Visor. 1995.

VIGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas**. Tomo IV. Madrid, Visor. 1996.

VYGOTSKI, L. **Obras Escogidas – III Problemas del Desarrollo de la Psique**. Tomo III. Madrid: Editora Antonio Machado Libros, 2012.

I [...] a diferenciação da integridade primitiva e a clara formação dos polos (o estímulo-signo e o estímulo-objeto) são o traço característico da estrutura superior. Mas esta diferenciação tem também a propriedade de que toda operação, no seu conjunto, adquire um caráter e uma nova significação. A melhor definição que podemos fazer deste novo significado de toda a operação seria dizer que ela representa a dominação do próprio processo do comportamento.

II [...] poderíamos indicar em que direção se modifica a estrutura: modifica-se no sentido de uma maior diferenciação das partes. A estrutura superior se distingue da inferior pelo fato, sobretudo, de ser um todo diferenciado, no qual cada uma das partes isoladas cumprem diversas funções e no qual a unificação destas partes, num processo global, produz-se com base em conexões funcionais duplas e relações recíprocas das funções.

III [...] quem disse que a diferença entre organismos superiores e inferiores radica na maior diferenciação do superior. Quanto mais perfeito é um organismo, mais diferentes são entre si suas partes integrantes. Em um caso o todo e as partes mantém certa semelhança, em outro o todo se diferencia essencialmente das partes.

IV A ressubordinação é o processo pelo qual a função se afasta do centro do desenvolvimento da consciência e retorna à periferia.

Recebido em: 28-04-2020

Aceito em: 15-05-2020

